

GALERIA REPUBLICANA

Editor e proprietario — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — **Collaboradores:** Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Alves da Veiga, Anselmo Xavier, B. Machado, B. Pinheiro, Costa Goodolphim, Gomes Leal, G. Benevides, João Monteiro, José J. Nunes, J. M. Latino Coelho, Maria L. Caldas, Reys e Sousa, Roberto Valença, Rodrigues de Freitas, Silva Graça, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel, etc., etc., etc.

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 29

Março — 1883

2.º anno

JULES FERRY

O golpe d'Estado de 2 de dezembro de 1851, que parecia uma aureola de gloria, não foi mais do que o ferrete estampado na frente do malvado, que levou a França até Sedan por entre um lodaçal de miserias.

Essa indigna usurpação do poder por aquelle que, depois de ter mostrado a sua ineptia nas parodias revolucionarias de Strashburgo e Vimereux, se *sagrava* imperador com manifesto desprezo dos direitos populares e da propria palavra, era a grilheta que o forçado arrastaria pela Crimeia, pela Italia e pelo Mexico.

Nunca teve um criterio politico regular esse Charles Louis Napoleón Bonaparte, que as bayonetas da soldadesca ignara ergueram até ao fastigio do poder. Bafejado pela desgraça do tio indigno muitas vezes mas sempre genial, acalentado nas vergonhas intestinas que a rainha Hortencia lhe propinava em beijos, educado na insensata aspiração de continuar as lamentaveis tradições do primeiro imperio, esse homem foi um aventureiro sem talento, sem tino e sem brio.

Pensou um dia, por uma triste aberração mental, talvez curavel n'um hospital d'alienados, que poderia reconstruir a obra escangalhada em 1815. E o sonho d'esse doido foi a nuvem negra d'um povo que lhe devia desencadear tempestades crueis; foi o castigo que a fatalidade inflingiu a uma grande nação tão cheia de nobres aspirações como de criminoso orgulho!

A ambição d'uma gloria militar já empanada começou por arremessar-o á Crimeia, onde a fortuna lhe sorriu um momento. Poderia ficar ahí, mantendo habilmente o predomínio que o tratado de Paris, de 1856, concedeu á influencia franceza na Europa; mas a rota estava traçada, n'aquelle cerebro vasio de bom senso agitava-se um turbilhão d'ideias más. A campanha d'Italia foi o primeiro passo

para o abysmo. Em lugar de se aproveitar do entusiasmo das primeiras victorias, atirando-se com os soldados entusiastas ao triumpho definitivo, estava de repente, assigna a paz vergonhosa de Villafranca e deixa ineptamente aberta a porta do

mente no animo do heroe infeliz das Tullherias o amor da propria gloria e o odio a um regimen republicano; move-o principalmente o egoismo sordido, a ambição do ouro das minas de Sonora. E para isso espalhou-se o dinheiro da França e verteu-se a jorros o sangue de seus filhos!

C'est la plus grande pensée, du règne, dissera elle. E' verdade, foi aquella a maior idea do reinado e assim são todas as maiores ideas de todos os reinados.

Dizendo-se protector dos fracos, cruza os braços perante o esphacelamento da pobre Dinamarca e deixando, como bom ódre de vaidades que era, que o principe de Bismark lhe acalentasse as esperanças irrisorias lavra inconscientemente, consentindo a conquista do Sleswig-Holstein, a sentença de morte da Alsacia-Lorena.

O principe de Bismarck era o sapo encoberto com a capa de chancellier do reino da Prussia; Napoleão III era a doninha encoberta com a capa de imperador dos francezes. A doninha mettia-se na bocca do sapo.

E ainda ha pouco disseram para ahí uns escrevinhadores idiotas d'esta terra, que o velho da Germania declarara que o actual regimen republicano da França era o regimen que lhe convinha! Medem o tino politico do celebre diplomata pelo seu, não ha que ver.

A guerra de 1870-71 foi o epilogo d'esta tragedia que bem poderia ser comedia sem tamanhas desgraças.

Resuscitae esse imperio, monarchistas europeus que tendes horror á Republica! *Andae, l'Empire c'est la paix,* disse um dia o vosso idolo, e o mundo quer paz.

Ah! que de fatalidades que aquella bomba Orsini pouparia! Um crime é providencial quando salva outros crimes. A morte de Napoleão haveria salvo milhões de vidas e evitaria loucas despezas, torrentes de lagrimas, afflições de toda a especie.



JULES FERRY

Veneto a uma futura alliança da Italia com a Prussia.

O seu condão especial foi sempre recuar: — recuava quando vencia, recuava quando perdia.

A campanha do Mexico é um dos maiores crimes que a historia assignala, um marco miliario na estrada da infamia da realza universal. Ahí não influe unica-

Para que se conheça o valor real d'um dos homens eminentes da terceira Republica, é necessario descrever, mesmo a traços rapidos, o pantano em que se educaram.

Jules François Camille Ferry, actual presidente do gabinete francez, é uma das grandes creações do imperio personificado na pessoa de Louis Napoléon. Nasceu pouco tempo depois da revolução de 1830 em que o rei burguez empolgou as redeas do governo, a 5 de abril de 1832, em Saint Dié (Vosges). Entrou pois logo desde creança no periodo revolucionario e o seu espirito formou-se na lucta accessa travada entre o direito e o privilegio. Mal diria elle que o triumpho do primeiro aristaria consigo a derrocada das mais caras esperanças da patria, que desceriam á valla, pelo menos momentaneamente, com o cadaver da ultima realza.

Terminados os seus estudos inscreveu-se advogado nos auditorios de Paris, em 1851, no momento em que a liberdade ia ser garrotada pelo homem que os republicanos tiveram a asneira de admitir entre si, acreditando ingenuamente nas suas falsas profissões de liberalismo. O seu temperamento enérgico e violento, o seu honrado caracter, a sua brilhante intelligencia, que lhe não permittiam a indifferença perante a vil usurpação do filho da rainha Hortencia, lançaram-n'o na reacção contra o imperio do que se tornou inimigo decidido. A guerra tenaz que lhe moveu levou-o aos tribunaes em 1864.

Em 1865 entrou para a redacção do *Temps*, onde os seus artigos sobre assumptos de politica corrente atrahiram as atenções geraes, ganhando-lhe grande popularidade.

Por essa epocha atravessava o imperio um periodo de dissolução profunda. As malfadadas empresas napoleonicas no estrangeiro, atraz referidas, juntavam-se umas certas podridões internas revoltantes e indignas. O favoritismo campeava infrene. Ao passo que todos os cargos publicos eram occupados systematicamente por bonapartistas faguhados, os membros da opposição não só eram expulsos das universidades e escolas, cujos logares haviam adquirido em concurso publico, mas ainda postos fóra da fronteira e arremesados ao fundo das prisões.

O imperio entendia que a vida se lhe tornava impossivel não tapando a bocca dos seus adversarios... á força. Coitado, este era de facto o ultimo recurso. As torpezas eram muitas e os defensores nenhuns.

Adolphe Granier de Cassagnac e seu filho Paul resumiam os grandes athletas napoleonicos. Aos duros ataques, fundados em solidas accusações, do partido liberal, respondia aquelle no parlamento pedindo a guilhotina para os *rebeldes* e na imprensa insultando-os na vida intima, ajudado pelo filho, um espadachim mercenario e um heroe na porca linguagem de mercetriz barata. As insolencias das duas *columnas imperiaes* promoveram tristes conflictos com Florens, Lissagaray, Rochefort e outros, alguns de consequencias graves, que irritaram a opinião publica ao ultimo ponto.

Todavia os insolentes em lugar de castigo exemplar recebiam premios condignos. Sua *magestade o imperador*, attendendo ás altas qualidades de Paul de Cassagnac, nomeava-o camarista da imperatriz e cavalleiro de Legião de Honra.

Por outro lado os escandalos administrativos repetiam-se com frequencia sob a égide generosa de Haussmann. Foi contra este Burnay em grande escala que Ferry encetou uma campanha vigorosa em 1868, resumindo-a n'um celebre opusculo intitulado *Les Comptes Fantastiques d'Haussmann*, que causou em Paris extraordinaria sensação.

As eleições geraes approximavam-se e com ellas temia-se um cheque no imperio amaldiçoado pelo paiz. Montou-se a machina eleitoral não lhe faltando um unico d'aquelles accessorios desvergonhados, que a realza é eximia em escolher. Ferry apontou-os n'um artigo publicado no *Électeur Libre*, *les grandes manoeuvres electorales*, artigo de que resultou o processo e condemnação a 10:000 fr. do editor do jornal. Nem tanto era preciso para fazer a popularidade do actual ministro de intrução publica no ministerio francez, e desde então foi considerado um dos chefes do movimento republicano.

Nas eleições de 1869, apresentou-se candidato por Paris da democracia radical, declarando-se no seu programa pela justiça independente do poder, pela descentralisação administrativa, pela separação da Igreja e do Estado, pelo desenvolvimento do jury e contra o exercito permanente, principios que sustentou em discursos brilhantes n'essa occasião.

Obteve no primeiro escrutinio, sobre 30:385 votantes, a maioria relativa de 12:916 votos contra 12:028 obtidos pelo sr. Cochin e 4:831 pelo sr. Guérout. No segundo escrutinio saiu eleito por 15:729 votos contra 13:944 concedidos ao sr. Cochin.

Durante a sessão de 1869 augmentou consideravelmente na camara a sua importancia oratoria, sendo um dos chefes mais respeitados da opposição. A 14 de fevereiro atacou o ministro Olivier, um apostata, com violencia extrema, n'um discurso memoravel.

Estava, porém, chegado o momento de Ferry entrar na segunda phase da sua vida. O imperio ia morrer. Cheio de crimes já, acobrunhado de responsabilidades, odiado, maldito, naufragou de todo com a nova infamia praticada em janeiro de 1870. Pierre Bonaparte, um bandido que o imperador arrancára da estrada, assassinou cobardemente o infeliz Victor Noir, quando se lhe apresentava da parte de Rochefort a pedir tranquillo explicações em nome do seu delegatario. A baixa miseria do saltador atravessou a França como um raio e a revolução ergueu-se ameaçadora. O enterro da victima converteu-se n'uma das mais imponentes manifestações politicas, de que ha exemplo na historia: e o throno de Napoleão III, que sahira da lama, enterrou-se em lama n'esse dia.

Um acto de felicidade aventureira apenas o poderia salvar. A occasião offereceu-se logo. A doida imaginação franceza suppoz uma victoria, onde o aventureiro de Sedan via um meio de sair de embarços. A França embriagou-se com um triumpho antecipado e o traço de dezem-

bro precipitou-a no abysmo. Quando acordou esmagou um throno, mas era tarde.

O throno roubara biliões de francos, assassinara milhares de homens, arremesara á viuvez e á orphandade milhares de mulheres e creanças, talara campos, destruiu casas, tornara-se por si só mais nefasto do que todas as pragas com que a historia sagrada entremet a imaginação do vulgo. Pois quê? Quem quer festa sua-lhe a testa, quem quer rei sua-lhe a bolsa e a... vida.

O 4 de setembro de 1870 foi a aurora da regeneração. A aguia napoleonica, já tão esfarrapada dos tombos que levava, acabou de se rasgar nos encontros de Reischoffen, Forbach, Gravelotte, Saint-Privat, Metz e Sedan. O homem que pretendia reatar os celebres triumphos do primeiro imperador e reconstruir o velho imperio, teve um fim miseravel, preceando a derrocada completa de todas as esperanças, o sumir de todos os anhelos, o desaparecer de todas os affeições, sem coragem de procurar morte um pouco digna nas pontas das bayonetas mimigas! Triste deshonra que aos proprios inimigos mette do, pela baixesa a que desceu!

Jules Ferry foi dos primeiros a herdar o legado que a realza abandonara nas horas afflictas, prestando serviços relevantes como membro do governo da defesa nacional. Nomeado secretario do governo por decreto de 5 de setembro e seu delegado na administração do departamento do Sena por decreto de 6, esforçou-se por restabelecer os serviços nos arredores de Paris comprehendidos entre o recinto exterior e os fortes. Trabalhou na aquisição do material da guarda nacional, creou o corpo de conductores e presidiu á assembléa dos *maires*, que a 18 de janeiro de 1871, tomou a medida da ração do pão e outras rigorosas que a situação reclamava.

Mais tarde, por occasião da verificação de poderes, pediu a demissão de taes cargos, sendo eleito representante dos Vosges na Assembléa nacional por 33:439 votos. Depois do cerco, quando as tropas de Versailles entraram em Paris, o sr. Thiers nomeou-o prefeito do Sena, cargo que o sr. Ferry aceitou provisoriamente, retirando-se ao fim de 10 dias para a ceder ao sr. Léon Say. Passou em seguida a exercer as funções de representante da França em Athenas, onde se conduziu bem na conclusão do antigo conflicto dos governos grego, francez e italiano sobre as minas de Laurium. Expulso o sr. Thiers do poder pela colligação dos partidos monarchicos, exigiu a exóneração vindo tomar assento entre os membros da minoria da Assembléa que o elegeu por varias vezes seu vice-presidente. Eleito, em 1875, presidente da esquerda republicana, pronunciou alguns discursos notaveis sobre a necessidade de dissolução, sobre as reformas do en-ino superior, sobre as leis constitucionaes, etc.

Nas eleições geraes de 20 de fevereiro de 1876 foi enviado á camara dos deputados, como representante de Saint-Dié, por 11:739 eleitores. O famoso Mac-Mahon não gostou d'essa camara e tratou de se vér livre d'ella. Nos conluos secretos com

os realistas e imperialistas resolveu a morte da Republica, reconhecendo o primeiro passo para isso era o desembaraçar-se por uma forma qualquer dos seus representantes genuinos. A nomeação do ministerio Broglie-Fourtou foi um cartel dedesafio arremessado pelo presidente agalado da Republica aos representantes do paiz. Estes levantaram-no immediatamente e depois de sessões tempestuosas, em que a eloquencia sublime de Gambetta fulminou o governo e o poder moderador, a camara, na sessão de 18 de maio de 1877, condemnou-o por um voto de desconfiança, conhecido na historia pelo voto dos 363.

Jules Ferry pertenceu aos 363 e teve portanto de recorrer com elles e solicitar o suffragio dos eleitores, sendo reeleito a 14 d'outubro seguinte por 13:208 votos. Reunida a nova camara, censurou asperamente as manobras do governo antes e durante as eleições, apoiando com energia o inquerito pedido pela esquerda. No ministerio Dufaure defendeu o programma politico da União das esquerdas e reclamou reformas liberas, impellido a ellas o governo por meios brandos e habeis.

Quando o marechal Mac-Mahon se retirou da presidencia, corrido pela nação que repellia os traidores, o sr. Jules Grevy encarregou-o da pasta da instrução publica e bellas artes (4 de janeiro de 1879). Então desempenhou um papel brilhante e adquiriu um dos mais bellos titulos de gloria. O jesuitismo torpe e nefasto invadia a França. Illegalmente organizado em institutos estabelecidos em edificios soberbos, apoderava-se da intelligencia das creanças, que convertia n'uns inimigos acerrimos da civilisação e do progresso. A instrução era a arma poderosa dos jesuitas que se tornava inadivél e urgente despedaçar. Porém o jesuitismo chegava até ás altas esferas do Estado, e não havia individuo capaz de lutar com elle. Jules Ferry appareceu n'essas circumstancias e valente, corajosa, dignamente atirou-lhe um golpe mortal, prohibindo pelo artigo 7.º da sua lei notabilissima sobre o ensino a participação n'este em todos os estabelecimentos publicos ou privados aos membros das congregações não reconhecidas por lei.

Debalde do clericalismo do Senado tentou destruir o artigo brilhante; debalde os ministerios se retiraram para o não applicar. Ferry permaneceu no seu posto e a liberdade venceu. Ferry ateimou e o progresso contou mais um passo no caminho da civilisação.

O procedimento do actual ministro francez n'essa epocha constitue para nós a pagina mais digna e honrosa da sua vida.

Sahi de Paris algumas vezes em viagem de propaganda em favor da lei d'ensino por Bordeaux, Toulouse, Perpignan, Marseille e Lyon, sendo em toda a parte aclamado. O que se passou depois é sabido. O motivo que o levou á presidencia do conselho o mez passado é sabido tambem.

Accusam Jules Ferry d'autoritario e opportunista e é-o de facto. Nunca gostámos d'autoritarios na accepção em que se toma a palavra, isto é, como synonyma de centralisadores; e muito menos gostamos de opportunistas. Os autoritarios e os opportunistas são inimigos da boa democracia, são uns empechidos á marcha dos povos que tohem quanto podem. Por con-

seguinte Jules François Camille Ferry, presidente do ministerio francez é para nós, como politico, uma individualidade antipathica. Todavia tem prestado á Republica relevantes serviços, possui arreigadas convicções democraticas, julgámo-lo incapaz de transigrir com a monarchia e por tal facto merece de sobejo a nossa homenagem, respeito e consideração, que lhe não regateámos.

LUIZ FILIPPE.

Os costumes do povo

Entre as cousas de que o mal estar do povo se constitue, algumas ha, que não combatidas regularmente, se congregam contra elle, encaminhando-o a accellar sem constrangimento as consequencias immediatas, sob a classificação de *costumes*.

Por isso, quando á luz da publicidade apparecem taes defeitos, suggeridos pela acção benéfica do jornalista consciencioso e digno, demonstrando o pernicioso em que elles assentam; não raro deixam de ser contestadas taes doutrinas, embora por um sophisma grosseiro e sem cousa alguma provar em contrario, por lhe servir sempre de base o dito popular: — « Quando cá viemos, já cá encontramos os costumes que se relutam! »

Está aqui, a origem de todos os costumes que em parte o povo ainda acata respeitosa e que, devia repellar quando contrarios á sua civilisação.

Para nós, esse dito tem o nome d'um *chavão*, herdado de gerações em gerações, sem utilidade conhecida; para outros, uma chave de ouro do grande cofre dos *arranjos*!...

Quem sabe, talvez, se outros costumes que por ali se ostentam com apparencia de innocentes, se não combatem uma vez sequer, por lhes abrir o exemplo outros de maior gravidade?

O que é inatacavel, segundo o bom criterio, é, que uns e outros defeitos da sociedade tem a sua origem na escola que a monarchia lhe faculta, e que segundo ella a acceta e respeita!...

Entraremos nas provas. Em tempo, (nos nossos dias ainda) a monarchia, entretinha-se com o enforcamento do povo: era um dos seus mais dilectos costumes, herdara-o da sua raça privilegiada, existente em plena *reinação* em virtude d'outro costume.

O povo, que os encontrára estabelecidos como os mais justos, e accetaveis, considerava-se feliz ao vel-os exercer a sua acção, alegrando-se sempre, que na forca perneavam os *criminosos* que, ao contrario pensavam na sua emancipação de tal tutela!... Dispensada ao povo a liberdade de que a monarchia só usava, fazia elle tambem o seu papel de despota enforcando *por sua conta e risco* taes *criminosos*, erguendo a cada canto a sua *forca*!...

Havia aqui uma necessidade, dizia o povo: — Respeitem-se os costumes, porque os nossos *paes* tambem os respeitavam!...

Em seguida a esse modo de convencer os *descrentes*, existia outro costume, costume que ainda combatemos: a monar-

chia resava! rosnando em rouquenho cantochão não sabemos o que; tendo por mestres os *padres*, que, do mesmo modo ensinavam o povo a resar!...

Que fazer? — Resar desesperadamente enchendo de nichos todas as ruas, bécas e travessas, onde podessem satisfazer este *preceito*!... Que apparecesse então um Manuel d'Arriaga, ou um Magalhães Lima gritando-lhe: — « C'o a breca! vocês andam doidos! deixem-se d'isso! » e vereis, como os *devotos* d'essa epocha lhe pagavam os conselhos transformando-lhes os ossos em apitos!! Se, *aquillo* era tambem um costume, ao qual o sr. D. João VI abria o exemplo sendo elle o primeiro a resar, passando-o ao seu successor el-rei *Nosso Senhor* D. Miguel (*que Deus haja*), e tão *bom*, que ainda hoje a reallesa o conserva sem macula?! É evidente que os nossos antepassados deviam seguir a escola da monarchia enternecendo-se mesmo, para lhe serem strictly subordnados pela Senhora apparecida e pelo Senhor dos Passos da Graça. O mais, eram tudo historias! D'aqui a dificuldade em derruir taes costumes, por isso que, os seus instituidores, os *padres* e os reis, aliados inseparaveis na conservação dos poderes discricionarios no corpo e no espirito do povo, não cedem repentinamente ás exigencias do progresso! Aqui, responder-nos-hão os *padres* d'hoje: Sim! D. João VI resava e *enforcava* por intervenção dos seus carrascos; tinha mesmo outros defeitos; mas, sommados, eram em numero inferior ás suas *virtudes*! D. João VI, era um monarcha, que, ao contrario do sr. D. Luiz I, dava os exemplos da maior *economia* e de *civismo* ao seu *povo*, o que actualmente se não vê! Então, vestia D. João VI, as suas calças de briche (producto nacional); as suas calças de ganga *assucarada* (tambem nacional!); e, não permitia em quanto a roubos, que estes se desenvolvessem, como hoje, sublevando para isso exemplificar quasi toda a Lisboa, por lhe roubarem um *capote*!!! Segundo muitos, procedia assim *por ser excessivamente miseravel*; mas... adeante. Então, a *reallesa feméa*, usava os seus vestidos de casa de lã com as suas guarnições de franja; os seus vestidos de seda de *furta-córes*, os mantelletes de setim, etc., etc., *tudo nacional*! Hoje, a reallesa procede de modo diverso: — traja tudo do mais rico, e mais *chic*, mandando vir do estrangeiro; abrindo o exemplo á *côrte* de parasitas que a cerca como aos que a possam imitar!...

Aqui, somos vencidos pelos nossos antagonistas, tendo só a dizer... que os *figurões* d'hoje necessitam bordoadas de cego!...

(Continúa).

J. DE ROSIERS.

Alguns traços da vida do marquez de Salamanca

O vulto mais popular entre os que na vizinha Hespanha desapareceram d'este mundo no proximo passado mez de janeiro, é sem duvida o marquez de Salamanca.

Abunda a sua historia de incidentes curiosos, de anedoctas interessantes. Mais do que ninguem, prestou elle grandes serviços ao desenvolvimento moral da sua

patria, mais do que ninguém, se assignou elle por um sem-número de excentricidades.

A imprensa madrilena reproduziu os principaes traços da sua vida, longa, accidentada e bizarra, durante a qual foi advogado, juiz, deputado, senador, politico, banqueiro, ministro, negociante, engenheiro, agricultor, querido das damas, financeiro, emprezario, empreiteiro de trabalhos publicos, artista, janota, conde, marquez, grande de Hespanha, casado, viuvo, e, alternadamente, pobre e milionario.

A sua actividade não tinha limites. Construiu caminhos de ferro na Italia, nos Estados-Unidos, e a elle se devem as primeiras vias ferreas que em Portugal e na Hespanha se estabeleceram. Engrandeceu e embelezou Madrid, onde já se falla de se lhe erigir uma estatua. Deu grande impulso ás obras publicas, protegee as artes e as letras, comprou as producções artisticas de maior nomeada na Europa, espantando a Hespanha pelo seu luxo e prodigalidade.

Possuía os palacios mais sumptuosos. A sua vida de galanteios teria tentado a penna de Brantôme, deu-lhe a reputação de um Monte-Christo. Os seus ditos agudos bastariam para salvar do esquecimento a sua memoria, se por tantos outros lados não tivesse conquistado a celebridade.

No ministerio de Narvaes, declarou guerra á Bolsa, jogando contra todos na alta. Toda a gente perdeu; e um alto personagem, victima de *krach*, vindo pedir-lhe a espera para o pagamento de 375 mil francos, que representavam as suas perdas, o marquez de Salamanca pegando nos titulos do seu credito, lançou-os no lume, apesar dos esforços do seu devedor.

Em seguida foi á Bolsa onde estavam reunidos quasi todos os seus devedores e, rasgando na sua presença as contas e documentos que diziam respeito ás suas dividas, exclamou:

— «Amnistia geral!»

Cheio de caprichos, — como homem acostumado aos mimos da fortuna e do acaso — uma noite, á sahida do theatro, mandou arranjar um comboio do caminho de ferro e partiu immediatamente para Paris. Outra vez, contrariado por não ter encontrado logar na opera, fez-se emprezario, e com grande despendio apresentou em Madrid a mais brilhante companhia lyrica.

Correu uma vez, em Madrid, o boato da sua ruina. Para o desmentir foi a um baile de mascaras, vestido á Buchingham, com o gibão guarnecido de perolas e pedraria; e, quando todos os olhos estavam fixados n'elle, quebrou um fio e uma chuva de diamantes cahiu no chão; muitos dos quaes foram apanhados por alguns d'aquelles que já o davam por quebrado.

Esta vida brilhante teve contudo uma sombra. Salamanca foi um grande corruptor dos bons costumes hepanhoes, e tudo comprou, mesmo o amor.

Entre nós deixou elle documentos da sua finura nas condições que fez adoptar ao governo para a construção do caminho de ferro de norte e leste; e as quaes pelo vago da redacção muito se prestaram ás famosas aclarações que do sagaz marquez tomaram nome.

As vantagens resultantes d'essa interpretação para a companhia de que era so-

cio e administrador, juntas as que auferiu como empreiteiro geral, eram bastantes para constituir uma fortuna principesca.

GIL VICENTE.

CARTA A S. MAGESTADE O SR. D. LUIZ I

NA SUA ÚLTIMA VISITA AO PORTO

Em nome d'esta povo honesto, e que domina,
As magoas do soffrer, no meio da offensa,
Eu venho aqui o rei, senhor d'esta nação,
A minha voz erguer, cheio d'indignação.
Não sou mais que um plebeo, um pária, um desherdado,
Mas nunca fui, senhor, ás galés condemnado!...
E se agora o poder dos vossos conselheiros,
Vir n'este meu protesto, offensas aos miliares,
Manda-me então, senhor, metter n'uma prisão,
Tira-me a luz do sol, rouba-me até o pão!...

Pertence á classe anstera e dura do trabalho,
Potente geração, que á musca do milho,
Vae recalcando n'alma, a dor do soffrimento,
E deixa converter o odio em esquecimento!
Mas quando a fome invade, os limpidos casaes,
D'esses a quem, senhor, ralé todos chamaes,
Levanta-se o Direito em nome da razão,
E o povo quer ser rei, á voz da revolução!

Eu não odeio os reis, os grandes potentados,
Odeio simplesmente os cynicos armados,
Que, — como vós senhor, — ao povo que trabalha,
Latroceando vão, essa ultima mizalha,
Esse thesouro emfim d'um trabalho constante,
Para ser despendido em festas de Bragança!...
O povo já succumbe, á dor, ao soffrimento,
E já nem sequer solta, um unico lamento!...
Mas cantella, senhor, que elle indá na mortalha,
Pode fazer-se rei, á chuva da metralha,
E vós que d'allemdo, tendes a fina raça,
Antes que elle desperte e envergue uma couraça,
F'ra se tornar senhor da casa de Bragança,
Que os vossos lh'ão roubado, em tempo de bonança,
Abandonas nos tudo, e em paz ide senhor,
Que a nós não nos deixaes, senão muito rancor!
Ide estudar primeiro as questões sociaes,
Viver com esse povo, em bandos collossaes,
No centro da officina, onde o soffrer condemna,
Os homens como vós.

Ide, e vereis que a penna,
Que vos relata e conta, as magoas d'este povo,
É feita de verdade e quer um mundo novo!

Fazei-vos grande e bom á custa do trabalho;
Não protegeas ladros, que em vós tem acaualho,
Para extorquir ao pobre, o derradeiro alento,
Alguns magros vintens, ganhos á chuva, ao vento!

Renegas dos braços da casa de Bragança,
E ponde-vos ao fresco, em quanto que ha bonança,
Deixae em paz, senhor, aqui n'este cantinho,
Os homens do porvir, que têm só por armínio,
As armas do trabalho, a vossa geração,
Ha de ser execranda, e diz-me o coração,
Ao consultar a historia, a vossa monarchia,
Que este pagode immenso, esta grande folia,
De padres e de reis, cheios de corrupção,
Ha de vir a acabar em meio d'irrisão!...

E vós que sois bisneto e tendes caracteres,
D'esse reles poitrão, que á voz d'umas mulheres,
Venjea a patria, o povo, e poz-se em debandada,
Com Inlo o que era nosso, e deixon empenhada
A patria de Gámtes, não podeis ser olliado,
— E pensae n'esto o rei! — senão como um forçadot!

Aqui n'esta cidade, onde o trabalho é norma,
Onde a Virtude assenta, e todo o bem se forma,
Não pode ter cabida, um homem como vós,
Um homem que nos vende a herança dos avós!

Retira-te senhor! a festa já consome,
Já rouba todo o sangue, ao povo que tem fome!
Com este despendor, os loucos camaristas,
Hão de roubar o pão, aos pallidos artistas!
E vós lá no palacio, alegre e satisfeito,
Talvez depois rirreis do mal que n'ouverdes feito!...

Retira-te, senhor! é já bem longa a festa!
Emquanto o pobre chora, a nossa alma protesta!

Porto, 11 d'Agosto de 1882.

GIL VICENTE.

CHRONICA

A malta jesuitica tem andado pelas diferentes terras do paiz, angariando assignaturas para uma representação que se pede o restabelecimento das ordens religiosas em Portugal.

Estes bregeiros, não contentes com a tolerancia mais que criminoso, havida da parte do publico para com elles até hoje, ainda por cima abusam da sua situação, affrontando as leis impunemente e conspirando abertamente contra a liberdade, contra a familia e contra o progresso.

Protegidos pelas auctoridades administrativas, acobertados com a capa dos ministros, balejados pelas camarilhas, insuflados pelos favores do rei e da rainha, elles aninham-se por toda a parte, como uma verdadeira praga, e por toda a parte deixam o vestigio da sua passagem fedorenta, como verdadeiras harpias que são.

Uma verdadeira corja! E o governo, seu fiel alliado, protege-os descaradamente. De modo que jesuitas, não são só os inscriptos na *companhia de Jesus*: são-n'o todos os que ao seu lado trabalham trahindo a patria e as mais legitimas aspirações do povo portuguez.

N'este caso está o governo de sua magestade fidelissima, o governo d'*el-rei* Fontes Pereira de Mello.

Tudo uma arlequinada insolente!

Em Leiria as reuniões reaccionarias tem sido presididas pelo actual governador civil substituto, segundo corre.

De Portalegre, de Coimbra, de Torres Vedras, de Aveiro e de muitos outros pontos do paiz chegam-nos as noticias mais desoladoras a este respeito. Em tão difficéis circumstancias, cumpre pois, ao povo portuguez ter energia e dignidade, e mostrar que ama a sua patria, acima dos manejos e das trapalhices do sr. Fontes.

Tres factos importantissimos temos a registrar para o desenvolvimento da idea republicana em Portugal:

Em primeiro logar o bello discurso, pronunciado no theatro do *Principe Real* do Porto pelo nosso valente correligionario dr. Alves da Veiga, por occasião da inauguração solemne de um *gremio de instrução*.

Em segundo logar a reunião feita no *theatro Eborense* pelos dedicados republicanos de Evora, para organizar uma bibliotheca popular.

E em terceiro logar a instalação do novo *club José Estevo*, centro republicano da freguezia das Mercês, que promete ser um dos mais prosperos clubs democraticos da capital.

Como vés, meu amigo — ao passo que os republicanos se vão distinguindo pela sciencia, pelo trabalho, pelo modo honrosissimo porque luctam a favor da educação do povo, os monarchicos continuam a dissipar os dinheiros da nação e a deixar morrer á fome os professores d'instrução primaria.

Um verdadeiro contraste!

Ainda uma boa nova.

Como sabes, tenciona levantar-se em Cahors um monumento a Gambetta por meio de subscrição. Parece decidido que os republicanos de Lisboa vão promover um sarau n'um theatro, cujo producto revertirá a favor do monumento ao grande cidadão.

Apoiamos sinceramente esta confraternisação dos dois paizes.

Assim provam os republicanos do mundo que são solidarios, em tudo e por tudo!

CABRION.